

Quem nunca falhou uma estreia, que atire a primeira pedra

Tiago Rodrigues e Tónan Quito apresentam *Entrelinhas*, uma peça que cruza a verdade com a ficção e versa sobre uma estreia que nunca chegou a acontecer — e, de certa forma, sobre a fragilidade da Arte. Hoje, amanhã e Terça-feira na Incrível Almadense.

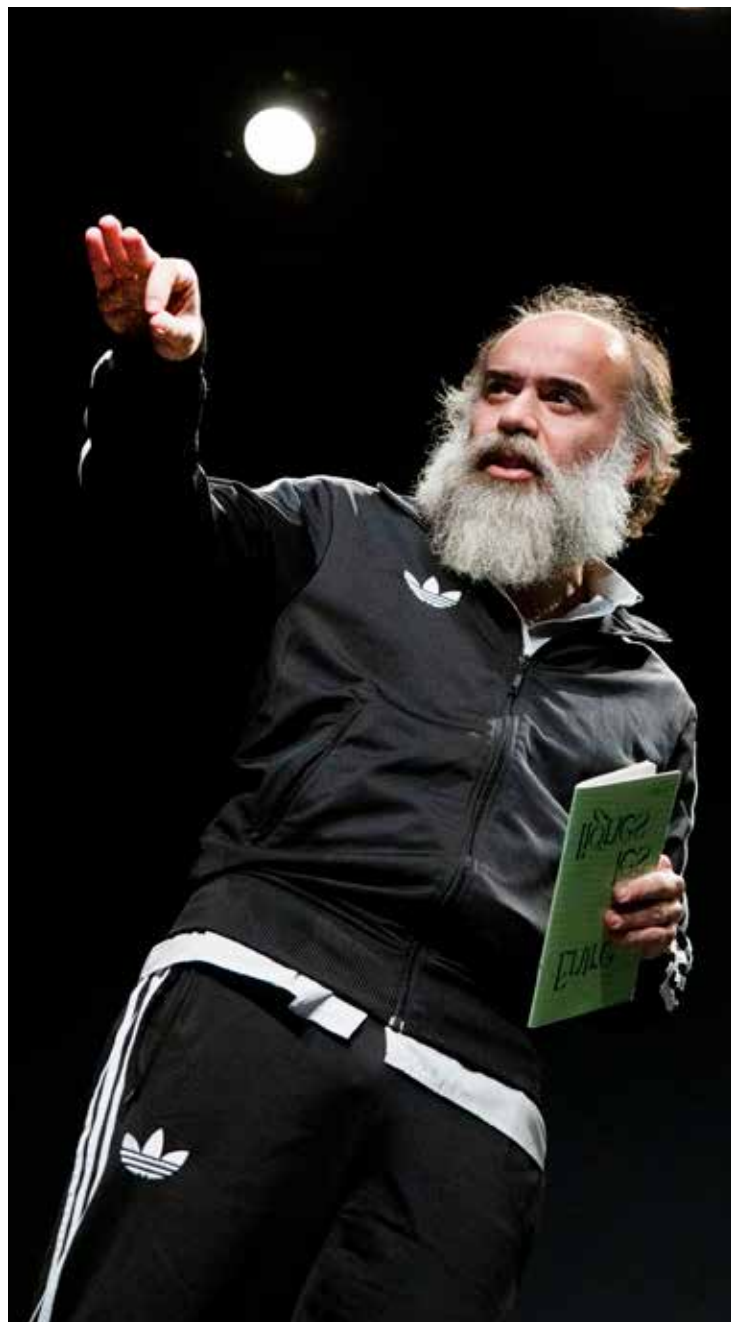
Nesta peça escrita para ser apresentada em todo o lado (menos numa sala tradicional de teatro) conta-se a história de um livro — o *Rei Édipo*, que a Editorial Verbo editou na célebre colecção Livros RTP — e de uma carta: a missiva que um recluso do Estabelecimento Prisional de Lisboa um dia escreveu à mãe, literalmente nas entrelinhas da tragédia de Sófocles, confessando-lhe as razões de ter matado o pai.

Sozinho em cena, Tónan Quito não precisa de cenário, e praticamente dispensa adereços, para nos contar a história de um espectáculo — aquele em que está — que nunca chegou a acontecer. A ficção esconde-se dentro da realidade, e vice-versa, como soe acontecer nas peças de Tiago Rodrigues, um 'dramaturgo de palco', que gosta de escrever os seus textos à medida que decorrem os ensaios com os actores. Sucede que — segundo nos relata Tónan Quito no início desta peça — desta vez Tiago Ro-

drigues ter-se-á atrasado com a entrega do seu texto um tanto mais do que o habitual, e o espectáculo não aconteceu. No entanto, nós, os espectadores, ali estamos, a assistir a uma representação. Mais concretamente, somos levados a investigar as razões que levaram essa peça a não acontecer. "Como é que um livro saído da biblioteca de uma prisão em Lisboa vai parar a Moçambique?". O espectáculo responde.

Entrelinhas tem uma versão em francês e outra em inglês, tendo-se apresentado em vários países desde 2015 a esta parte. Em Portugal, a interpretação de Tónan Quito valeu-lhe a nomeação para o prémio de Melhor Actor do Ano, pela revista *Time Out*, e em França o espectáculo não passou despercebido às críticas do jornal *Le Monde* — "Tiago Rodrigues é um ás neste tipo de escrita; Tónan Quito tem o público na mão" — e da revista *Télérama*: "Um delicioso exercício do actor, subtil e arriscado".

Perto do fim, é-nos lançada uma pergunta: "Será que aquilo que nunca aconteceu chega alguma vez a ser parte do passado? Ou ficará para sempre encerrado no futuro das coisas que simplesmente não acontecem?". E nós vamos para casa pensar.



© Mariano Barrientos

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Para cada um e todos

Passaram 50 anos desde aquele dia 25 de Abril em que, ao sinal de *Grândola, vila morena*, um grupo de jovens militares portugueses saiu à rua de metralhadoras em riste, cravos vermelhos nos canos, para combater uma ditadura obsoleta e inoperante. Esses homens do exército, com baixa graduação e tenra idade, encabeçaram um povo que

clamava por um sistema democrático com direitos que haviam sido negados durante 48 anos.

Meio século depois, Portugal continua a celebrar essa façanha na qual os interesses da cidadania e boa parte do exército entraram em comunhão fraternal. Porém, Inês de Medeiros, presidente da Câmara Municipal de Almada, recordou-nos no dia de abertura do

Festival de que este cinquentenário não está desprovido de algumas nuances: "Enfrentamos neste momento o ressurgimento brutal de discursos que, tal qual o velho abutre, nos trazem de novo a po-dridão", afirmou a política e actriz.

Almada é uma cidade situada na Margem Sul do estuário do Tejo. É dali que o município vê a silhueta da capital portuguesa, para onde muitos dos seus habitantes viajam todas as manhãs para ganharem a vida. A sua tradição proletária, fruto das suas raízes firmes na classe

trabalhadora, é a principal razão pela qual se considera prioritário que o Festival tenha preços acessíveis a uma população com recursos limitados.

Para além das peças, há várias iniciativas de entrada gratuita em pontos distintos do município, reforçando a ideia de que este evento consiste numa celebração da cultura na qual cabem todos e cada um, tenha os recursos que tiver, e venha de onde vier.

Ángel Mora, *El Cultural*

(Trad. de Luiz Guilherme Garcia)

Não nos tirem os intervalos

Ao quarto dia d’O sentido dos *Mestres* — a formação que decorre de há dez anos a esta parte durante o Festival, com o apoio da Share Foundation, e que já contou com a participação de criadores como Peter Stein, Luis Miguel Cintra, Olga Roriz ou Josef Nadj —, conversámos brevemente com Rui Cardoso Martins, que dirigiu cinco sessões dedicadas à dramaturgia, no Salão das Carochas, em Almada Velha. O livro resultante deste curso será publicado no próximo Dia Mundial do Teatro, a 27 de Março.

Sobre o curso: “Estou a dar o melhor que posso e sei. Resolvi desde o princípio transmitir aquilo em que me formei — peças de teatro e outras obras literárias, que estão por detrás do que fiz. Mas também quis passar a necessidade de viver mais: aproveitar o que vemos e vivemos, para nos enriquecer como pessoas, para disso fazer ficção, ou seja o que for. Penso que as pessoas sentem que valeu a pena”.

Sobre extensão e duração de uma

peça: “Isso nem o escritor por vezes consegue definir — olhe a minha peça, *Última Hora*, que durou 2h40, e mesmo assim houve quadros que não foram encenados. Eu pensava que, mesmo integral, ia ser bem mais breve! Mas pode-se sempre fazer umas contas por alto: lendo uma página em voz alta e vendo quanto nos demorou e multiplicar pelo número total... Seja como for, sou defensor dos intervalos, de um momento em que se respira e nos dá força e recarrega para voltarmos ao mundo maravilhoso. Fazem bem, essas pausas. Mas o autor também deve trabalhar, tendo o intervalo no seu horizonte: fechar com uma boa suspensão, que faça as pessoas levar o ‘bichinho’ e lhes dê vontade de regressar — ou seja: saírem com um ‘descanso pesado!’”.

Sobre as didascálias: “Uma resposta sobre o número ou necessidade das didascálias é como definir como se deve escrever — e mesmo que se definisse, a definição poderia mudar com o tempo. Há peças muito respeitáveis — seja

com muito poucas, seja com muitas didascálias. Na minha opinião, de vez em quando é importante recorrer a elas, para dar uma pausa, indicar uma acção que não vem no texto — agora, sem ser tautológico ou rebarbativo, isso eu nunca faria! Em última análise, o que importa sempre é perceber se há verdade, ou não; se aquela personagem existe e se aquilo que ela está a fazer me interessa a mim e ao mundo”.

Sobre o número de personagens: “Já fiz com duas, com três, já fiz com um grupo grande... Agora: quando se trabalha só com uma ou duas personagens, elas têm de ser muito fortes, se não, não vale a pena... O número de personagens, no fundo, decorre de que haja um sentido último no que se escreve: não chega contar banalidades, ou encher páginas sem chegar a lado algum. Deve, pelo contrário, ser algo que toca as pessoas, que mexe com elas, as põe a discutir, a rir — a chorar, se possível! Ou então andamos para aqui só a estragar árvores, não é? Eu defendo que o mesmo princípio sagrado do uso da linguagem e de um certo registo de linguagem para uma causa literária se aplica a tudo quanto se es-

creve, seja uma crónica, um guião, uma peça breve ou uma longa”.
Sobre o ritmo ‘certo’ ou ‘adequado’: “Isso!... Olhe, ouvindo o que outras pessoas nos dizem — mas sem excesso de opiniões! Eu gosto de ouvir boas opiniões e estou sempre aberto a elas. Se é certo que já senti que interpretaram algo que escrevi de modo diverso do que eu pensava, também, por outro lado, já fui positivamente surpreendido. Qualquer texto está sempre sujeito à prova ‘vamos ver se isto funciona’: veja o monólogo que escrevi para *A sorte que tivemos*: algumas coisas que faziam sentido escritas foram depois cortadas por mim, sem problema algum, após serem ditas, porque prejudicavam — lá está! — o ritmo da peça. Se fosse um romance, já seria diferente, porque é um tipo de texto que é sempre muito pensado e muito trabalhado, noites e dias a fio...”. | **Bernardo Mariano**

Josef Nadj na Esplanada

Amanhã às 18h, conversamos com Josef Nadj na António da Costa para mais um Colóquio na Esplanada, que terá moderação de Alexandre Pieroni.

Nadj é um coreógrafo sérvio de etnia húngara radicado em Paris, que nos trouxe este ano ao Festival *Full Moon*, espectáculo apresentado na sexta-feira no Palco Grande.

“O começo não poderia ter sido melhor. Que grande espectáculo de dança nos ofereceu a Companhia de Nadj”, escreveu Liz Perales, crítica do *El Español*.

A presença de Nadj em Almada já é recorrente, tendo sido em 2021 o Mestre que se debruçou sobre o tema da improvisação e a arte de mergulhar nas memórias pessoais.



© Rui Carlos Mateus

Para mais tarde recordar

Este ano o Festival iniciou uma colaboração com a Rádio e Televisão de Portugal, que incluiu a gravação da peça *Além da dor*, pela Companhia de Teatro de Almada (que será emitida numa data a anunciar), bem como a transmissão de *Full Moon*, do coreógrafo sérvio Josef Nadj, na

RTP2, logo após o final do espectáculo. Quem não assistiu a *Full Moon*, poderá fazê-lo no site RTP Play, onde a peça virá a estar disponível brevemente. A realização da transmissão deste espectáculo, que implicou a montagem de seis câmaras no Palco Grande, ficou a cargo de Filipe Vasconcelos.



AGENDA DE AMANHÃ

- 18:00 | Colóquio
Josef Nadj
Escola D. António da Costa
- 20:00 | Música
4tUBoS
Escola D. António da Costa
- 21:30 | Teatro
Além da dor
Teatro Municipal Joaquim Benite
- 21:30 | Teatro
Remédio
Fórum Municipal Romeu Correia
- 21:30 | Teatro
Entrelinhas
Incrível Almadense

RESTAURANTE DA ESPLANADA

- HOJE**
- Rolo de carne com tâmaras e bacon
 - Lulas recheadas com puré
 - Tagliatelle gratinadas com cogumelos
- AMANHÃ**
- Coelho com mostarda e abóbora
 - Robalo no forno
 - Salada de cuscus